

**REDACTOR PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**  
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa • Telefone 5339 O.  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

## DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

# A actual política britânica

É crença geral que o governo francês se encontra à frente da reacção mundial; que é ele quem dirige a batalha contra a Revolução e que a Gran-Bretanha e todas as outras potências maiores ou menores simplesmente o seguem. Esta opinião é absolutamente errónea. Provém do facto dos homens verem mais facilmente as aparências que as realidades e de se empregar um menor esforço em aceitar as aparências do que em procurar as realidades. Actualmente, no século XX como nos fins do século XVIII e começo do XIX, o governo do Reino Unido da Gran-Bretanha e da Irlanda é o verdadeiro chefe da contra-revolução mundial. É ele quem guia todas as forças anti-progressivas, porque a Revolução é o progresso. O governo francês, como os restantes, só o segue aliás voluntariamente e até com prazer.

Um pouco de reflexão mostra a verdade da nossa maneira de ver. No condicionamento geral das cousas, dos factos e dos homens, a influência principal é devida aos factores económicos. Há, na verdade, excepções, em que os factores sentimentais, emocionais ou intelectuais actuam com mais força que os factores económicos. Mas estas excepções confirmam a regra do poder superior das condições económicas no determinismo estrito e inelutável dos fenómenos sociais. Se analisarmos estas condições económicas, veremos que elas próprias são determinadas por condições biológicas, mas não é este o lugar de as estudar sob este ponto de vista.

As condições económicas são, portanto, as determinantes dos fenómenos sociais. Uma consequência d'este facto é que, dada a actual organização social, são os detentores do capital os senhores da política. Estes capitalistas dividem-se em grupos diversos segundo as nações a que pertencem, e no seio de cada nação, segundo a natureza própria dos seus interesses. Mas estes grupos lutam naturalmente entre si pela posse do predomínio, isto é, no fundo pelo acréscimo das riquezas dos seus respectivos grupos e, portanto, dos indivíduos que deles fazem parte. Pois bem. Quando examinamos a situação do capitalismo mundial, no ponto de vista do poder dos seus grupos, é-se levado a constatar que o grupo capitalista britânico é o mais poderoso de todos os grupos capitalistas, com excepção do capitalismo americano. Mas este, por razões que aqui não tenho que examinar, não representa papel adequado à sua força, pelo menos na política europeia. O capitalismo britânico, visto no seu conjunto, sem nos ocuparmos das lutas internas dos seus diversos clans, é portanto actualmente o dono da política europeia e se esta é essencialmente anti-revolucionária, anti-progressiva, é porque o capitalismo britânico assim o quer. E realiza a sua vontade por intermédio dos seus empregados e dos seus beneficiários, os governos britânicos, ministros e parlamentares. O grupo capitalista francês é muitíssimo fraco, sob o ponto de vista mundial, para poder impor a sua política. Só pode seguir a política fixada pelo concorrente e senhor, obtendo aliás uma parte do bôlo.

Donde se vê que logicamente à frente da contra-revolução está Londres e não Paris, como é crença geral. O estudo dos factos desde 1918 demonstra-o plenamente. Os diversos tratados chamados «de paz» condicionam toda uma situação territorial e política próxima. Não os posso analisar aqui, por falta de espaço. A demonstração seria aliás facillima. Naturalmente o governo britânico não é omnipotente. É obrigado a ter em conta os governos das outras nações, todos eles representantes de interesses capitalistas, sem falar da opinião mais ou menos poderosa das massas populares dirigidas. Os tratados foram portanto compromissos nos quais cada grupo capitalista procurou obter o máximo, cedendo o mínimo. O que explica como o governo francês, sustentáculo dos industriais metalúrgicos, foi tam tenaz na questão alemã, como o foi na questão da Síria, visto representar os interesses dos jesuitas, os quais, sob a capa da religião, são na verdade interesses económicos.

A habilidade do governo britânico consistiu em mostrar querer resistir às pretensões do governo francês cedendo entretanto, porque esta forma de proceder servia a sua política de reacção, dando aos franceses a aparência de representarem o papel de cínico dos melodramas classicos. E eis a razão porque sobre os franceses recaiu todo o odioso da actual política de reacção.

Essência da politica britânica revela-se facilmente quando se examina a sua politica na Irlanda, no Egipto, na India. Esta essência é a luta contra a liberdade dos povos, contra a transformação social. Na Irlanda, o governo britânico conduz-se muito pior que o governo do kaiser na Bélgica e na França occupadas. O militar é o senhor, o que é sufficiente para se saber que os crimes se succedem aos crimes: os assassinatos, os incêndios, os roubos, as violações. Nas Indias, a revolta rugiu, e a repressão acompanha-a com toda a violência. No Egipto, a situação é idêntica, mas presentemente menos aguda. Mas a vontade britânica é sempre a mesma: manter estes povos na submissão para os explorar.

Para com a Rússia, o governo britânico faz um duplo jogo: ode em aparência ao Labour Party e a um clan capitalista, quando trata de negociações para estabelecer relações comerciais. Mas na realidade, esforça-se por arrastar e adiar as soluções, apoiar veladamente a reacção na Hungria e o imperialismo polaco. É para com a Alemanha a politica inglesa é idêntica. Dá o seu apoio à reacção pangermanista, não exigindo o desarmamento e consentindo ao mesmo tempo que o governo francês reclame somas loucas pelas reparações. Por esta forma tende a manter na Alemanha um estado instável que não é plenamente reaccionario, nem completamente revolucionario. Esta instabilidade da Alemanha é útil ao capitalismo britânico, porque impede o renascimento económico da Alemanha, suprimindo, por consequência, um concorrente no mercado mundial. Em última análise, a politica britânica para com a Alemanha é a mesma seguida para com a Rússia: manter a actual instabilidade, impedindo o lógico desenvolvimento das forças sociais.

O fim da politica britânica para com a Alemanha consiste em destruir o seu poder económico e, em relação com a Rússia, o seu poder politico.

Pode-se, portanto, ao examinar-se os factos, afirmar com toda a segurança que o centro da reacção na Europa está em Londres e não em Paris.

E assim será enquanto o governo britânico estiver nas mãos de Lord Curzon, de Winston Churchill e de Bonar Law. Não me refiro a Lloyd George, porque este é um simples porta-voz dos primeiros, que são os chefes reais da actual politica britânica. Esta politica é actualmente imperialista e os povos podem apreciar qual o dolorosa ela é. Mas amanhã poderão mantê-la os imperialistas e os reaccionarios? É o que examinarei num segundo artigo.

Fevereiro de 1921.  
Augusto Hamann

## A PROPOSITO DA FESTA DE HOJE

# Vida difícil, mas limpa

Uma novamanifestação de apreço é hoje levada a efeito para com este jornal, que entre as rudes pelejas em que tem entrado não conta somente dias amargos, mas regista também momentos de ventura que senão olvidam, porque as demonstrações de simpatia recebidas são daquelas que calam fundo na nossa alma, alma que não vibra apenas quando, ante a prática de actos que de-

Por isso tem *A Batalha* sido objecto de odiosas perseguições, havendo muitos dos que nestas oficinas exercem a sua actividade frequentado muitas vezes as prisões, conhecido o desterro e sido alvejados a tiro, como se fossemos facinoras da pior espécie.

E tem sido sobretudo nestes momentos de ataque cruento que havemos conhecido a dedicação da parte consciente da classe operária, à qual estamos ligados não só pela nossa condição de trabalhadores, mas também pelo pensamento e pela acção.



Neno Vasco

gradam, a indignação a conturba, mas que vibra também em presença de acções que dignificam.

Aqueles que só superficialmente nos conhecem e às ideias que agitam, supõem que ser revolucionário é cultivar sistematicamente o sentimento do odio. E porque nessa crença estão pintando, muitos deles talvez sinceramente, como criaturas terríveis, incapazes de albergar sentimentos elevados, como se uma das razões porque estamos em luta com esta sociedade, quicá a mais capital de todas as razões, não residisse precisamente na circunstância de ambicionarmos para todos o bem-estar que só a alguns é dado fruir presentemente.

Só não revolucionam, só não almejam transformar, mas transformam num sentido mais perfeito, aqueles em quem o egoismo pode mais que o altruismo, e é este o caso da maioria dos que nos combatem, os quais, quando não ambicionam a felicidade apenas para as suas exclusivas pessoas, não encontram, sob esse aspecto, horizontes mais dilatados que os da família, ao contrário do que sucede connosco, que pretendemos que toda a humanidade disfrute de conforto idêntico, para que nós e as pessoas que mais directamente nos estão ligadas—

Em volta de *A Batalha* tem-se produzido acontecimentos que bem alto hão afirmado que a nossa propaganda não tem sido estéril. Tem este jornal atravessado crises difíceis, vezes várias havendo estado imminente o seu desaparecimento, não porque nos tenha falecido o ânimo para prosseguir na luta, mas por escassez de recursos para manter este órgão proletariano. Lançado, porém, o grito de alarme, esses recursos tem vindo, não das alforjas dos que mercadejam com tudo, até com o carácter, mas da bolsa, exangue dos que trabalham.

E quando estas oficinas foram assaltadas por um bando de malfeteiros, que só por acaso não nos tiraram a vida, mas que destruíram tudo que lhes foi possível, foi da classe operária que se destacou um grupo de homens que não só restaurou os móveis despedaçados, mas até lhes deu mais brilho, ao mesmo tempo que de todos os cantos de Portugal, até dos mais recônditos, afluíram a esta casa, com palavras de fé, dezenas de contos de réis que nos têm habilitado a fazer face ao permanente deficit que a nossa administração regista. E como se tais demonstrações de carinho não fossem bastantes a assegurar-nos a dedicação dos que trabalham, assistimos nesse instante, fremente de emoção, a um protesto traduzido por uma greve geral expontânea de 24 horas.

Actos destes não esquecem, e sentimo-nos felizes em recordá-los, ainda que rapidamente, neste dia em que um grupo de camaradas dedicados leva a cabo uma nova demonstração de afecto para com *A Batalha*, tribuna que, se por virtude de dificuldades que nos são sobretudo criadas pelo espirito de ganância das empresas papelarias, for algum dia forçada a desaparecer, quer desaparecer limpa como viu a luz da publicidade, limpa como tem atravessado estes dois annos de existência aciden-



Cristiano de Carvalho

família — comparticipemos implicitamente desse conforto.

E é porque pensamos d'este modo que somos revolucionarios; é porque vemos as coisas sob este aspecto que somos anti-patriotas; é finalmente porque desejamos uma sociedade assim que desta tribuna erguemos cotidianamente o nosso brado de protesto contra as bases em que assenta a presente sociedade, prente de anomalias.

Ao longo da nossa existência, a *Batalha* tem sido objecto de odiosas perseguições, havendo muitos dos que nestas oficinas exercem a sua actividade frequentado muitas vezes as prisões, conhecido o desterro e sido alvejados a tiro, como se fossemos facinoras da pior espécie. E tem sido sobretudo nestes momentos de ataque cruento que havemos conhecido a dedicação da parte consciente da classe operária, à qual estamos ligados não só pela nossa condição de trabalhadores, mas também pelo pensamento e pela acção.

Em volta de *A Batalha* tem-se produzido acontecimentos que bem alto hão afirmado que a nossa propaganda não tem sido estéril. Tem este jornal atravessado crises difíceis, vezes várias havendo estado imminente o seu desaparecimento, não porque nos tenha falecido o ânimo para prosseguir na luta, mas por escassez de recursos para manter este órgão proletariano. Lançado, porém, o grito de alarme, esses recursos tem vindo, não das alforjas dos que mercadejam com tudo, até com o carácter, mas da bolsa, exangue dos que trabalham.

E quando estas oficinas foram assaltadas por um bando de malfeteiros, que só por acaso não nos tiraram a vida, mas que destruíram tudo que lhes foi possível, foi da classe operária que se destacou um grupo de homens que não só restaurou os móveis despedaçados, mas até lhes deu mais brilho, ao mesmo tempo que de todos os cantos de Portugal, até dos mais recônditos, afluíram a esta casa, com palavras de fé, dezenas de contos de réis que nos têm habilitado a fazer face ao permanente deficit que a nossa administração regista. E como se tais demonstrações de carinho não fossem bastantes a assegurar-nos a dedicação dos que trabalham, assistimos nesse instante, fremente de emoção, a um protesto traduzido por uma greve geral expontânea de 24 horas.

## O GIMNASIO EM POSTO

# O espectáculo pró-*“Batalha”*

Tudo nos leva a supor que a festa que um grupo de dedicados amigos leva hoje a efeito no teatro do Gimnasio, a favor da *Batalha*, revestirá um brilho extraordinário.

A sala estará lindamente ornamentada com as bandeiras dos sindicatos profissionais, caracterizando assim o festival, que é verdadeiramente proletariano. A avaliar pelo entusiasmo de que estão animados os camaradas com quem temos falado acerca d'este acontecimento operário, o jubilo de todos os amigos da *Batalha* manifestar-se-há esta noite duma forma exuberante.

E' o programa dos mais atractivos e deliciosos.

A palavra vibrante do nosso camarada e amigo Cristiano de Carvalho, palavra que tantos operários tem imenso empenho em ouvir, soará esta noite na sala do teatro, confortando as almas simples com requintes de beleza. A sua conferência constituirá a primeira parte da festa e, apesar do resto do programa ter sido escolhido com cuidado, podemos dizer afoitamente que valia bem a pena ir hoje ao Gimnasio só para ouvir o discurso de Cristiano de Carvalho, não só pela beleza natural do seu verbo, como pelo muito de instrutivo que lhe encerra.

Todos sabem igualmente quante vale o nosso camarada Manuel Ribeiro, como literato e como poeta. A sua prosa admirável tornou-se célebre, justamente célebre, no seu delicioso romance *A Catedral*; a sua poesia sentida, de uma cadência embalsadora, por vezes impregnada de um sentimento de revolta intensa, que sobe tam alto que toca o belo, já é conhecida há muito. O sentido de viver, livro de ver-



Actor Joaquim de Oliveira

des de nossos, é uma demonstração clara de que Manuel Ribeiro é uma alma de poeta.

E' por uma poesia d'este poeta libertário que é constituída a segunda parte do excelente programa. E para que nada falte, para que tudo se conjunja num todo harmonico e belo é o distinto actor Joaquim de Oliveira, da companhia do Gimnasio, quem vai recitar a poesia, o que certamente fará com a consciência que põe em todos os seus trabalhos.

A terceira e última parte será preenchida pela peça de teso, *Cobardias*, que se impôs a todas as criticas. Os dois papeis principais estão entregues a dois nomes que conhecemos estrondosos triunfos, incontestáveis glórias. Esses dois nomes já os leitores os adivinharam: são os de Alves da Cunha e D. Berta Viana da Mota.

O espectáculo principia às 9 horas, prefixas, não devendo os espectadores entrar depois dessa hora, não só porque isso não é permitido pelo regulamento dos teatros, mas também porque perturbaria o espectáculo.

A Associação Anti-Alcoólica Operária, manifestando o desejo de imprimir a nota anti-alcoólica na festa de *A Batalha*, lembra aos camaradas que assistam ao festival que se abstenham de tomar bebidas alcoolicas no bufete, substituíndo-as por bebidas higienicas e refrigerantes inofensivos.

## A inauguração do retrato de Neno Vasco

Neno Vasco, um grande que viveu quasi despercebido, grande pelo saber e grande pelas admiráveis qualidades de carácter, foi um dedicado amigo de *A Batalha*. Muito contribuiu ele com o seu saber, com o seu conhecimento de toda a politica internacional e do movimento proletário de todo o mundo para que *A Batalha* apresentasse artigos primorosos, da sua autoria, acerca da marcha das ideias emancipadoras. Convm aqui notar que Neno Vasco, sem uma só vez se desviar dos seus principios anarquistas, foi dos que mais contribuiu, não só neste jornal, como noutras publicações, para o esclarecimento da Revolução russa, a propósito da qual nos forneceu dados importantissimos.

Entre aqueles que de perto o conheciam contava verdadeiros amigos, e entre os que o conheciam apenas pela prosa clara e instrutiva, grandes admiradores. Um dos seus mais extremos amigos, Adolfo Nunes, fotógrafo habilissimo, dedicou-se à tarefa de ampliar o retrato de Neno, que será hoje, pelas 18 horas inaugurado, na nossa redacção.

A esta simples e comovedora cerimonia assistirão os seus numerosos amigos, os representantes dos sindicatos profissionais e dos jornais operários, além de seus filhos e cunhada.

## Páginas da Comuna

# O DEZOITO DE MARÇO

## A proclamação de Thiers

Logo ao romper de alva appareceram cobertos os muros de Paris pelas proclamações de Thiers, que todos os ministros assinavam. Esse documento historico não dilfere muito, na sua forma, dos que actualmente editam os governantes, no intuito de desfigurar os factos. A proclamação de Thiers relatava os acontecimentos a seu modo:

«Homens mal intencionados, sob o pretexto de resistir aos prussianos, que já não estão às nossas portas, constituíram-se senhores duma parte da vila, levantaram barricadas, instalam lá a guarda, forçam a população a ir com eles, por ordem dum comité secreto, que pretende comandar uma parte da guarda nacional desprezando assim a autoridade do governo, legal instituido pelo sufrágio universal. Esses homens que já tanto mal causaram, estabeam a pretensão de defender-vos dos prussianos que mal appareceram às vossas portas; apontam canhões que, postos a fazer fogo só atingiriam as vossas casas, os vossos filhos e vós próprios; enfim, comprometem a República em vez de defendê-la, pois se se estabelecesse na opinião da França que a República é a companheira necessária da desordem, a República estaria perdida. Não os acrediteis e escutai a verdade que com inteira sinceridade vos dizemos.»

Vinha depois um apelo ao patriotismo da população:

«No nosso próprio interesse e no da nossa cidade como no da França, o governo está resolvido a agir. Os culpados que pretendem instituir um governo seu vão ser entregues à justiça regular. Os canhões subtraídos ao Estado vão ser restituídos aos arsenais, e, para executar este acto urgente de justiça e de razão o governo conta com o vosso concurso. Que os bons cidadãos se extremem, dos maus, que ajudem a força pública em lugar de resistir-lhe.»

A terminar, um periodo de mal definidas ameaças:

«Parisienses: usamos desta linguagem porque contamos com o vosso bom senso, a vossa paciência, o vosso patriotismo; feita esta prevenção, concordareis connosco se recorreremos à força, porque é preciso a todo o custo, e sem um dia de demora, que a ordem, condição do vosso bem-estar, renasça completa, immediata, inalterável.»

Infeliz proclamação! O povo, perdido inteiramente a confiança no governo, votado de corpo e alma à causa da revolução, passou por ele sem dar-lhe sequer a honra dum olhar. E Thiers sabia-o. O governo desorçera já da fidelidade da guarda nacional. Trinta chefes de batalhão, reunidos na véspera, às onze da noite, responderam ao general d'Aurelle, que os convocara e os interrogava sobre a confiança que depositavam nos seus homens: «A guarda nacional não se baterá contra a guarda nacional!»

Reunido o conselho de ministros no dia 17 assentara num plano de acção contra os revolucionarios, consistindo em atacar os pontos estrategicos que os federaes haviam transformado em verdadeiros parques de artilharia, aguardando o momento em que as fadigas da noite fizessem afrouxar a vigilância exercida sobre os canhões. De facto, no dia 18 de Março, às três da manhã, várias colunas empreenderam a marcha, em diversas direcções, para Belleville, Faubourg du Temple, a Bastilha, Hotel de Ville, praça de San Michel, Luxemburgo e os Invalides. O general Susbille marchava sobre Montmartre com duas brigadas compostas, ao todo, de uns 6:000 homens. A cidade estava silenciosa e deserta. A brigada comandada pelo general Patrel occupou, sem disparar um tiro, o moimho da Calette, um dos pontos mais elevados de Montmartre. A brigada ás ordens de Lecompte chegou á torre de Solferino e não encontrou mais do que uma sentinela, Turpin, quis defender o seu posto, mas os gendarmes desarmaram-no, e, cor-

rendo ao corpo da guarda da rua de Rosiers, surpreenderam-no e encerraram os guardas nacionais nos sótãos da torre de Solferino.

Durante este tempo, os bairros iam despertando. Abriam-se as lojas matinaes. Diante das tabernas falava-se em voz baixa, notavam-se os soldados, as metralhadoras em bateria contra as ruas populares, e nas paredes um cartaz, ainda humido, firmad por



Manuel Ribeiro

Thiers e seus ministros, onde se falava do comércio paralisado, dos pedidos suspensos, dos capitais retraídos, e que terminava com esta frase de 2 de Dezembro: «Os culpados serão entregues à justiça. E' necessario que renasça a ordem completa, immediata, inalterável...» Falava-se de ordem, o sangue ia correr.

O general Patrel, que queria transportar os canhões tomados no moimho da Calette, viu-se interceptado na rua Lepia por uma barricada vivente. O povo deteve os cavalos, cortou as corréas, fraternizou com os artilheiros e levou os canhões para as suas antigas baterias. Na praça de Pigalle, o general Susbille mandou carregar sobre o povo que se tinha agrupado na rua de Houdon. Os hussardes, intimidados, marchavam aos recuos, provocando o riso. Um capitão adianta-se, de sabre na mão, fere um guarda nacional e cai crivado de tiros. O general foge. Os gendarmes, que abrem o fogo detrás de umas barracas, não tardam em ser desalojados. O grosso da tropa passa-se para o povo. Em Belleville, nas alturas de Chaumont, no Luxemburgo, os soldados fraternizam com a multidão, que tinha acudido desde a primeira hora.

A's onze da manhã, o povo tinha vencido a agressão em todos os pontos, conservando quasi todos os seus canhões e havendo tomado milhares de espingardas. Todos os seus batalhões estavam já formados.

## CONFERENCIAS

### Grupo Libertário Novos Horizontes

Tendo a policia impedido de realizar-se a conferencia do camarada Cristiano Lima, que este grupo havia promovido para ontem na Associação dos Alfaiates, fica por este motivo transferida para domingo, realizando-se na sede da Construção Civil, pelas 20 horas, sendo o tema: *A acção dos anarquistas no movimento social.*

### Associação Anti-Alcoólica Operária

A'manhã, sábado, realiza o sr. Jose Peralta uma conferencia popular de propaganda sob o tema: *O alcoolismo e o maior factor da degenerescência fisica e moral da Humanidade*, a qual é a 1.ª de uma serie regular que a comissão vai quinzenalmente realizar na C. G. T., calçada do Combro, 38, A, 2.º

## A Alemanha

### concentra tropas na fronteira polaca

LONDRES, 17.—A legação polaca desta cidade, comunica saber officia mente que estão sendo feitas grand concentrações militares na Alemanha ao longo da fronteira polaca. As tropas alemãs reunidas na fronteira excedem as forças que o tratado de paz permite à Alemanha possuir. Parece que esta concentração é motivada pelo plebiscito a executar e que os alemães intervirão no caso d'ile ser desfavoravel para a sua nação.—Radio.







## CONTOS DE «A BATALHA»

## POBRE MÃE!

(Nos patios de Milão)

A Anitta Tampini arrancou-me lágrima. Não lhe aceitei a renda. E a mulher mais miserável do Casarão. Foi-se sem olhar para trás. Passou a moçoila toda a lavar garrafas, no rio, na cervejaria Damia, fora da porta Magenta, e a costurar sacos, durante o inverno, no escritório dos pequenos negociantes de seda de Brolet. Nunca foi além de uma lira por dia e nunca desceu aos trinta centésimos. O marido, seletor, pos-se ao freixo, depois de ter empilhado pela segunda vez. Sôzinha, pobre, com um filho no berço e outro na barriga, não se queixou, nem pediu jamais coisa alguma a quem quer que fosse. Chegou a ocasião, foi como da primeira vez, dar a luz na Casa Pia das Parturientes de Santa Catarina da roda, e lá a saiu trazendo consigo o pequeno mametando-o e ela própria. Consou o seu amor ora a um, ora a outro, chorando-o a ambos, sem nunca se lembrar do pai e mandando-o embora com uma frase de despedida no dia em que lhe tentou reconquistar-lhe as boas graças.

—Vai para onde estiveres até agora! Os pequenos, cuidados, amamentados, criados à força de carícias e de doces, quando podia comprar disso, amaram-se os seus irmãos. Trabalhava com uma besta de carga para não deixar sofrer necessidades. De noite, deitava-se na janela iluminada e pensava na mãe que se dedicara ao bem dos filhos como poucas mulheres.

Em casa, fazia cereais, graças a uma vizinha, que trabalhava para uma casa de roupa feia e que se contentava com um centésimo por as trazer e lavar. E a Anita chegava a cozer doze pares em duas noites, ganhando cento e tantos centésimos por doze horas gasculas de luz do candieiro.

De manhã, preparava tudo para os filhos que ela mandava à escola, e depois corria para a fábrica, recomendando a vizinha, que olhasse pelo seu filho e pelo seu marido, para que nada lhes faltasse. Ao anoitecer, recolhia e lá se regava de os ver ao pé com os seus livros de leitura, que ela não perdia.

Cresciam ambos saudáveis, bonitos, plásticos como toiros. O mais velho, Milio, que amava o desenho sobre todos as coisas, meteu-o em um mecânico, convencido de que viria a ser um dos primeiros operários, e ao Romeu deu-lhe o ofício de tecelão, por ver nele uma predileção especial pelos trabalhos de tear.

Os filhos retribuía-lhe a afeição maternal com o mesmo afecto. Saíam da oficina e corriam para casa para beijar a

mãe, como fazem os filhos dos ricos. E o dia em que o Romeu e a Anita tiveram que se separar do Atílio foi um dia triste e inconsolável. Soluçavam, choravam, desesperavam-se, com cada bojo molhado, com cada abraço apertado, com um nunca acabar de promessas de não se esquecerem, de continuarem a querer-se bem e de escreverem sempre, sempre.

—Adeus, mãe! Adeus, Romeu!  
—A mãe, que previa o dia fatal do recrutamento, escondeu no pé de meia tudo o que as necessidades de cada dia lhe tinham deixado poupar.

—Privações não as sofras, meu filho, —disse-lhe ela com a garganta cheia de lágrimas. Eu e o Romeu te mandaremos mais.

—Adeus! Adeus!  
Não se tornaram a ver. O rapaz foi para que ficarem feridos pelas poucas balas papalinas que queriam impedir a entrada dos italianos em Roma. No dia seguinte ao da brecha da Porta Pia, era devorado por uma febre que lhe fazia bater os queixos com uma violência amadora da catástrofe. Oito dias depois, souberam os seus que o pobre rapaz morrera no hospital.

Romeu fez-se taciturno. A mãe, que não podia viver sem a sua afeição, via-se obrigada a ralhar-lhe para que ele deixasse de chorar.

—Andas mas é a fazer com que eu morra também de desgosto, e estará tudo acabado.

Mas o irmão definha, perdeu a cor, ia-se pondo terrível. Alguns meses depois, tossia como se os pulmões lhe tivessem sido escavados pelos exércitos bacilosos que tanta beleza descoloram e tanta esperança arrebatam no Casarão.

Naquela manhã em que o levaram para o cemitério, a pobre mulher parecia ter encolado. Já não era a mesma. Nunca mais recuperou a razão.

Não pode ver agora um soldado. Basta um tambor ou uma corneta militar para lhe causar tremores ou para a fazer fugir pelo Casarão, como se tivesse medo de que viessem outra vez tirar-lhe o seu Atílio.

Tornou-se sombria, macabunda, trabalhava sem continuidade, é indiferente ao bem e ao mal e só sabe conceber um pensamento:

—Mataram-me o meu filho!  
E quando padre Paula a repreende por já não ir à missa, enxuga os olhos com uma ponta do avental e responde-lhe agitada:

—Muito injusto deve ser Deus, para assim castigar, com tamanha crueldade, uma pobre mãe, que nunca tinha deixado de lhe rezar de joelhos!

(La Folie)  
Paulo VALERA

## O mutualismo e as farmácias

Conforme dissemos há tempo, havíamos recebido algumas cartas a propósito de outras aqui publicadas. Damos hoje uma dessas cartas, esperando em breve inserir as restantes.

«Sr. Director de «A Batalha». — A propósito dum protesto publicado no seu jornal, feito por alguns cobradores que foram despedidos pela actual direcção e a favor dos quais nunca a direcção de 1920 manifestou qualquer parcialidade, foi publicada em 9 do corrente uma série de alegações menos verdadeiras que convém esclarecer, porque as afirmações gratuitas ali feitas só servem para desacreditar esta bela instituição de previdência, que bastantes serviços tem prestado aos seus associados.

Nunca a direcção de 1920, nem qualquer das suas antecessoras precisou de recorrer ao bôlo dos cobradores, visto que eles fazem semanalmente entrega da importância cobrada.

Os serviços desta colectividade estão todos muito bem montados e é uma falsidade dizer que eles se encontram em mau caso.

A sua caixa económica, criada unicamente para os fundos das associações ligadas se podem mutuamente auxiliar, nada tem de ilegal e como garantia dos seus empréstimos bastam as cotas de 250 escudos de que elas são portadoras, para garantir, com segurança, esses empréstimos.

Diz-se que a escrita está atrasada desde março, quando falta apenas o mês de dezembro e esse mesmo por doença do chefe da secção de contabilidade, devendo notar-se que essa secção tem a seu cargo nada menos do que a escrituração de cinco colectividades.

E a propósito deste caso nota-se uma circunstância muito extraordinária. Se a escrita está atrasada, como é que podem fixar o deficit anual? Quem sabe se até haverá saldo?

Caso identico se dá com as farmácias e com a tipografia.

As farmácias ainda em 1919 deram 15.000\$00 de lucros líquidos. A tipografia tem de existência 7 meses e só agora é que se começa a fazer, como se diz em termo comercial.

Nem sempre o facto de uma colectividade apresentar deficit, quer isso dizer que elle seja devido à má administração, visto que o desequilíbrio financeiro desta instituição foi em consequência da epidemia pneumónica que grassou no país em 1918. É certo que pelo Estado nos foi pago um subsídio que nos coube no rateio feito pelas associações de Lisboa, subsídio esse que ficou, muito longe, da nossa despesa, pois que esta colectividade cumpriu honestamente todos os seus deveres para com os seus associados.

Para os doentes terem assistência com mais regularidade, até automóveis se puzeram à disposição dos nossos facultativos.

E, sr. director, associações houve que nem subsídios pagaram aos seus doentes.

Dizem que há lutas para os empregados das farmácias. Eles que digam da sua justiça, mas tendo a direcção de 1920 recebido uma denuncia a tal respeito, fez um inquérito por intermédio de um farmacêutico diplomado e extranho ao pessoal, chegando à conclusão de que pelo menos no caso denunciado, não era verdade.

Também há tempo, em uma direcção anterior, houve denuncia de que um empregado qualquer, também das farmácias, tinha prevaricado e averiguado que a denuncia era verdadeira, o mesmo empregado indemnizou a instituição, sendo em seguida demittido.

Também dizem que se criam nichos e se aumentam salários. É certo que durante a nossa gerência duas vezes se aumentaram os proventos dos empregados. Mas quem o não tem feito, incluindo o próprio Estado? E ainda assim estão mal pagos. Nichos não se criaram, antes se suprimiram três lugares, com manifesto prejuizo do serviço, pois fizeram falta.

E digam esses senhores quem é que por uma alteração de quadros, arranjam um chefe colocado na disponibilidade por não haver serviços cuja direcção lhe possa ser cometida?

Que os remedios são mal manipulados. Nesse caso não somos técnicos, mas os médicos que lhes respondam.

Então os médicos tem conhecimento desses factos e não dão oficialmente parte de semelhante irregularidade?

É provável que esta accusação seja tam gratuita como as demais. E quanto ao pagamento de seus honorários, nada se lhe ficou devendo ao terminar a nossa gerência, segundo tivemos occasião de averiguar, não só com respeito a estes empregados como a todos os restantes.

A direcção de 1920 nada teria que ver com os novos eleitos, se entre eles não se encontrassem três farmacêuticos estabelecidos, cujas intencões para não serem suspensos, visto que essa classe nunca viu com bons olhos a existência das nossas farmácias. E compreende-se, são uns milhares de escudos annuaes, que deixam de entrar nos seus cofres.

Nunca as direcções transactas mandaram votos, nem tam pouco admitiram sócios a quem pagassem as suas cotas, como desta vez succediu.

Também não fizeram ameaças a ninguém, porque tem a sua consciencia bem tranquilla por terem sempre cumprido o seu dever, a dentro desta instituição.

Os novos directores é que levaram para as assembleias todos os seus adeptos completamente armados para o que desse e viesse, como eles dizem.

Essas as associações ligadas foram por vezes cavalheirescas assaltadas não resta dúvida a ninguém.

Começou a nova direcção a sua boa administração despedindo 7 cobradores para assim beneficiar 3 outros cobradores, que bastante trabalharam para o assalto, a esta colectividade e também emprestando as cadeiras da associação para as festas carnavalescas que se realizaram no «Odeon Clube».

E, sr. director, pelo facto desses indivíduos terem trabalhado em prol das instituições vigentes, não quer isso dizer que tenham direito a assaltar as instituições de beneficência.

Demais, a direcção de 1920, na sua maioria constituida por proletários organizados, jamais, deixaria de defender os principios mutualistas.

Libos, 12 de Fevereiro de 1921.  
A direcção da Aliança Mutualista do ano de 1920—Domingos Rocha, Luis Alvares, José Carlos Ferreira, Manuel A. O. Vieira, Artur Nunes Branco, Francisco Cordeiro.

mos furado, sr. director, pelo que podemos ponto no assunto, afirmando que a direcção de 1920, é completamente alheia aos anteriores artigos publicados.

Libos, 12 de Fevereiro de 1921.  
A direcção da Aliança Mutualista do ano de 1920—Domingos Rocha, Luis Alvares, José Carlos Ferreira, Manuel A. O. Vieira, Artur Nunes Branco, Francisco Cordeiro.

Libos, 12 de Fevereiro de 1921.  
A direcção da Aliança Mutualista do ano de 1920—Domingos Rocha, Luis Alvares, José Carlos Ferreira, Manuel A. O. Vieira, Artur Nunes Branco, Francisco Cordeiro.

Libos, 12 de Fevereiro de 1921.  
A direcção da Aliança Mutualista do ano de 1920—Domingos Rocha, Luis Alvares, José Carlos Ferreira, Manuel A. O. Vieira, Artur Nunes Branco, Francisco Cordeiro.

## \* Notas de além fronteiras

## Um novo complot: contra dois militantes anarquistas

Não satisfeitos com o fuzilamento, em Utah, de Joe Hill, o joven poeta das aspirações, das dores e das esperanças do proletariado americano; com o encerramento por toda a vida na penitenciária de S. Quentin, de Tom Mooney e Warren Billings; e com as barbaras condenações dos militantes mais activos da I. W. W., resolveram agora os plutocratas norte-americanos, para satisfazerem os seus odios e vinganças, prender os anarquistas italianos Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, accusados, como a Joe Hill, do crime de assassinato e roubo de 18.000 dollars.

O caso passou-se em S. Brante, estando nessa occasião—como comprovam com testemunhas Sacco em Boston, e Vanzetti em Plimouth, que dizem, a 40 e 33 milhas de distancia respectivamente do local do crime; mas, no entanto, isso não impedirá a sua condenação, como tantas provas amontoadas não impediram a condenação de Mooney, Billings, Hill e de tantas outras victimas da ferocidade da burguesia lanquê.

## O movimento operário no Japão

Ainda não há muitos anos que ser socialista no Japão era um crime punido com a pena de morte, assim como era considerado um sacrilegio referir-se a tudo que dissesse respeito à organização operária.

Hoje, porém, já se discute na imprensa se o proletariado nas suas lutas deve fazer uso de métodos parlamentares ou da acção directa, estando a maior parte dos militantes por esta ultima tactica revolucionária.

Os defensores do reformismo no Japão são dirigidos pelo poeta, chefe de militancia, Kawaga, mas a maior parte dos leaders operários, nos quais estão incluidos muitos intelectuaes, defendem o principio da luta de classes, baseada em considerações puramente económicas.

Além disso, a crise financeira dos últimos meses, com a consequente falta de trabalho e as aventuras guerreiras da China, Corea, Sibéria, etc., tem impellido as massas para os partidos da esquerda.

## Depois da greve de Florença, em Itália

Em consequência do assalto «fascista» ao jornal socialista de Florença, *La Difesa*, o proletariado desta cidade declarou a greve geral, que redundou num dos mais importantes movimentos que na Itália, ultimamente, se tem realizado.

Os operários electricistas, assim que

## MÚSICA

## O concerto de homenagem a David de Sousa

É soberbo e digno da intenção a que obedece o programa do concerto que depois de amanhã se effectua no Politeama pela orquestra regida pelo maestro Fernandes Fio. Promove-o a comissão de amigos de David de Sousa, em homenagem a este saudoso artista, reverendo o producto em favor de sua mãe.

A festa de arte, porque de arte e verdade arte pode considerar-se, é notável e interessadamente secundada por Fernandes Fio, pela orquestra que obsequiosamente collabora nela; e pela empresa Luis Pereira, empenhada-se todos em que a sua accção seja apreciada, tam util e merecida é a sua applicação. O programa deve tornar-se já amanhã conhecido, exibindo além das grandes peças do repertorio da orquestra uma surpresa.

## "Primeira Comuna"

Esta cooperativa de produção e consumo, em organização, enviou a diversos camaradas a circular seguinte, na qual se dá a ideia da sua constituição:

Como é do vosso conhecimento, esta em organização nesta freguesia uma cooperativa assente em bases modernas, rasgadas e socialistas.

Um grupo organisação já iniciou a serie de conferencias que pensam levar a effecto. Ape, ar da concorrência que teve a primeira das conferencias, não correspondeu o publico consumidor ao apello dos organisaadores. Por isso vem o grupo trazer ao vosso conhecimento o programa de tão digna iniciativa.

Antes de entrar em tal assunto convém dizer que esta cooperativa é a primeira das 20 comunas que vão ser organizadas dentro da área da cidade.

O seu programma é o seguinte: Montar tantos estabelecimentos quantos os precisos para prover ao abastecimento dos associados, não só do ramo de mercaderias como de todos os ramos de commercio. Fundar oficinas de todos os ramos industriais e respectivos estabelecimentos de vendas.

Construir uma grande escola moderna, com salas communistas, casas de recreio e esportivas, etc.

Abolir o sistema accionista e estabelecer uma cota unica de entrada de 1000 (escudos) dividida em 10 prestações.

De plena e inteira liberdade de accção à mulher filiada nesta cooperativa, podendo ser eleita e eleger.

Abolir o dividendo e bônus de consumo; Levantar a effeito festas de todo o genero, não só na freguesia como em toda a cidade unicamente para tanto escolar.

Em face do exposto pede a comissão ao camarada a sua adesão a tam grandiosa obra, que concorrerá para o engrandecimento da cidade e do assemblarado sem escrupulos.

A inscrição está aberta nos seguintes locais: Sede Proletária, rua do Campo de Ourique, 74, 1.º, 2.º, e 3.º.

## Pessoal do Ministério da Marinha

O pessoal menor do ministério de marinha entregou ontem ao respectivo ministrio uma representação, pedindo para que os seus vencimentos e categorias sejam equiparados aos dos seus colegas do ministério das colónias.

Libos, 12 de Fevereiro de 1921.  
A direcção da Aliança Mutualista do ano de 1920—Domingos Rocha, Luis Alvares, José Carlos Ferreira, Manuel A. O. Vieira, Artur Nunes Branco, Francisco Cordeiro.

Libos, 12 de Fevereiro de 1921.  
A direcção da Aliança Mutualista do ano de 1920—Domingos Rocha, Luis Alvares, José Carlos Ferreira, Manuel A. O. Vieira, Artur Nunes Branco, Francisco Cordeiro.

## Pontão do Lima, 9

«E' tempo de nos salvarmos!» Não cessam os clamores do povo, não decorre um momento sem que os seus gritos sejam ouvidos em face do povo. O povo se travam discussões, se ouvem argumentos, se originam conflitos, discutido-se, aliás a marcha acelerada para onde caminha o Japão.

Usa d'isso como provável a noticia propagada nos quatro ventos, que há dias para o Japão se prepara a restauração monarchica que aliás ha de vir numa manha de denso nevoeiro. Outros, e estes os mais veridicos, a Revolução Social que a par de gigante caminha do Oriente para o Occidente.

Na verdade já vai sendo tarde, já os militantes desagrados tem sido victimas da fome e da angustia, e os que ficaram a fazer a carestia da vida. Os patrões sanguessugas despedem seus operarios quando estes com muita justiça e equidade, reclamam mais e mais para a mesa do seu, acimado de de solvencia.

Os indurados as injustiças que neste decorrer do tempo tem cometido para com os fracos e oprimidos. Uns despedidos os seus trabalhadores, e outros a maior parte de casa; outros conservando meses e meses no cárcere pobres criaturas, sem que com elles fosse provado o mais pequeno delicto.

Um mais e este ditto o administrador, que zinga há bem pouco, a uma comissao de operarios que com elle se foi entender por causa da questão do milho; respondeu-lhe, em resposta da sua pergunta, que cada alqueire do mesmo se vendesse a 108 e mais.

Não há dúvida que para o senhor Ramalho não é caro, pois autrora mais em 10 minutos do que talvez um operário em 10 dias consiga. Mas s. ex. não o sã; s. ex. arranca-o da miséria algebrica do povo necessitado, e a maior parte dos operarios, como isto repugna e indigna os nossos espiritos.

Trabalhadores honestos, homens do campo das officinas, meus amigos e irmãos: proxima-se a hora do nosso resurgimento; aconselho-vos a que não falteis. Aconselho-vos a que não precisem um momento de sono, formando um só bloco, e o torção da bandeira rubra que nos ha de guiar ao triunfo, que nos ha de levar a dar combate a oprimidos e reles burguesia que para ai caminha.

Poi da Rússia que partiu o primeiro grito de revolta que vibra através do Universo, e a primeira a acabar com os patrões, Portugal não fazemos o mesmo? Casos não faltam as forças? E' tempo de acordarmos. Povos! Descruzai armas, corraei fleiras, e matemos os seus patrões! Não se deixem mais do que urgente: Acabar com os senhores, com esses exploradores que até hoje tem vivido à custa do suor dos seus operarios, e a maior parte dos operarios são continuos, succedem-se todos os dias uns mais graves do que outros, uns praticados pela burguesia, outros pelos filhos da mãe, e outros pelos próprios patrões.

Na Escandinavia até já param as obras do Estado, tais como construções de estradas, canais, etc., e o numero dos sem-trabalho aumenta todos os dias.

Alguns patrões disseram abertamente aos seus empregados que podem recommear a trabalhar, desde o momento que aceitem uma redução de 25 0/0 nos salários, e como a paciência dos explorados parece não ter limites, ainda é provavel que a maior parte aceite e curve a cabeça perante este novo ultraje.

Os operários electricistas, assim que

Também nos países do norte da Europa, a burguesia—que se sabe entender, internacionalmente, melhor do que o proletariado, está utilizando a nova arma de combate—o lock-out—para facilitar as organizações operárias e reduzir pela fome os trabalhadores a escravos submissos.

Na Escandinavia até já param as obras do Estado, tais como construções de estradas, canais, etc., e o numero dos sem-trabalho aumenta todos os dias.

Alguns patrões disseram abertamente aos seus empregados que podem recommear a trabalhar, desde o momento que aceitem uma redução de 25 0/0 nos salários, e como a paciência dos explorados parece não ter limites, ainda é provavel que a maior parte aceite e curve a cabeça perante este novo ultraje.

Os operários electricistas, assim que

Também nos países do norte da Europa, a burguesia—que se sabe entender, internacionalmente, melhor do que o proletariado, está utilizando a nova arma de combate—o lock-out—para facilitar as organizações operárias e reduzir pela fome os trabalhadores a escravos submissos.

Na Escandinavia até já param as obras do Estado, tais como construções de estradas, canais, etc., e o numero dos sem-trabalho aumenta todos os dias.

Alguns patrões disseram abertamente aos seus empregados que podem recommear a trabalhar, desde o momento que aceitem uma redução de 25 0/0 nos salários, e como a paciência dos explorados parece não ter limites, ainda é provavel que a maior parte aceite e curve a cabeça perante este novo ultraje.

Os operários electricistas, assim que

Também nos países do norte da Europa, a burguesia—que se sabe entender, internacionalmente, melhor do que o proletariado, está utilizando a nova arma de combate—o lock-out—para facilitar as organizações operárias e reduzir pela fome os trabalhadores a escravos submissos.

Na Escandinavia até já param as obras do Estado, tais como construções de estradas, canais, etc., e o numero dos sem-trabalho aumenta todos os dias.

Alguns patrões disseram abertamente aos seus empregados que podem recommear a trabalhar, desde o momento que aceitem uma redução de 25 0/0 nos salários, e como a paciência dos explorados parece não ter limites, ainda é provavel que a maior parte aceite e curve a cabeça perante este novo ultraje.

Os operários electricistas, assim que

Também nos países do norte da Europa, a burguesia—que se sabe entender, internacionalmente, melhor do que o proletariado, está utilizando a nova arma de combate—o lock-out—para facilitar as organizações operárias e reduzir pela fome os trabalhadores a escravos submissos.

Na Escandinavia até já param as obras do Estado, tais como construções de estradas, canais, etc., e o numero dos sem-trabalho aumenta todos os dias.

Alguns patrões disseram abertamente aos seus empregados que podem recommear a trabalhar, desde o momento que aceitem uma redução de 25 0/0 nos salários, e como a paciência dos explorados parece não ter limites, ainda é provavel que a maior parte aceite e curve a cabeça perante este novo ultraje.

Os operários electricistas, assim que

Também nos países do norte da Europa, a burguesia—que se sabe entender, internacionalmente, melhor do que o proletariado, está utilizando a nova arma de combate—o lock-out—para facilitar as organizações operárias e reduzir pela fome os trabalhadores a escravos submissos.

Na Escandinavia até já param as obras do Estado, tais como construções de estradas, canais, etc., e o numero dos sem-trabalho aumenta todos os dias.

Alguns patrões disseram abertamente aos seus empregados que podem recommear a trabalhar, desde o momento que aceitem uma redução de 25 0/0 nos salários, e como a paciência dos explorados parece não ter limites, ainda é provavel que a maior parte aceite e curve a cabeça perante este novo ultraje.

Os operários electricistas, assim que

Também nos países do norte da Europa, a burguesia—que se sabe entender, internacionalmente, melhor do que o proletariado, está utilizando a nova arma de combate—o lock-out—para facilitar as organizações operárias e reduzir pela fome os trabalhadores a escravos submissos.

## A BATALHA

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

Inteligência, e a cegueira e honestidade de queles que o ouvem mais com repulsa do que com prazer. Quanto ao seloso fiscal Souza, a conselheira-o a continuar na sua humilhante missão de defender os interesses das classes que trabalham e produzem—enhorra-lhe a falta a vista dupla do ar. —dos autenticos exploradores do povo.—

BRAGA, 14  
Os assambarcadores. — Falta de unidade nas organizações operárias. — Sindicato do funcionalismo publico.

Continuam os assambarcadores na sua falta de exploração dos humilides, augendo dia a dia o suor dos trabalhadores, e um vilustre de consagração no misticismo, onde já estão muitos camaradas nossos.

A falta de unidade é demandada. Todos os que tem vender, não tem roubado, e são estes gatinhos encaçados que, com as suas acções, estão provocando o descalabro em que se encontra esta sociedade. Quando ella se der, que fuja para longe, porque então nós lhes pediremos conta dos seus crimes. Se hoje só pode quem rouba, e quem não é ladrão não é homem honrado, no Amanhã que se aproxima só comera quem trabalhar, porque a sociedade futura não suporta mais a sua.

—Em Braga, que se intitula a terceira cidade do país, onde há um avultado numero de operários e algumas organizações, há uma grande falta de unidade. Não há sede para a U. S. O., não há, enfim, quem trate do movimento sindical, com a sua devoção. Os proprios sindicatos desentendam do movimento sindical, tendo ali quem ali prefira a taberna à Associação.

—E' isto que se nota nesta terra, sendo ali industrial e comercial, é um baluarte do operariado, não só manual como ali intelectual.

—E se aquele com o seu braço ha de fazer a transformação da sociedade, substituido de uma outra sociedade, e a sociedade, este com a sua intelligencia ou verborrêa, também pugna por ella, contribuindo de quanto possível para essa transformação.

—A delegação da Associação de Clases do Funcionalismo Publico não se tem posto a esforços para que progrida, sendo digno de louvor o seu secretario, a quem se deve o grande numero de socios que conta em todo o distrito, o que fará faveja a outros distritos, que por falta de actividade, talvez, desaparecer os seus delegados.

Surgiu-lhe a ultima hora uma difficuldade, pois que tendo-lhe sido prometida uma sala da Associação dos Empregados Voluntarios, pelo commandante da corporação, a ultima hora apparece um dos patrões, o sr. Barrios, dizendo que não podia ser instalada a Associação, e que a Associação, motivo continuam os nossos camaradas funcionarios publicos lutando com falta de casa, como garantia dos seus interesses, que precisam de se voltar a senhores.

Todavia o sr. Virgilio Baptista, funcionario da direcção de finanças, com a recusa de a Associação de voluntarios, agradeço do Estado, e a ele todos se devem dirigir para esse effeito.—

ALHANDRA, 14  
Os operários locais devem organizar-se. — Casamento

Mercê do indifferetismo do operariado desta localidade, os prepos dos generos continuam a sua vida sem qualquer actividade. Há tempos, como a Batalha noticiou, acabou-se um movimento de protesto contra a carestia da vida, mas em face das promessas do administrador do concelho, os animos acalmavam-se, enquanto os concelheiros continuavam explorando ignominiosamente a miséria do consumidor.

Ultimamente os proprietarios da fabrica do Cimento «Tejo» concederam ao seu pessoal um pequeno aumento, que, diga-se de passagem, nada representa no actual momento.

Já é tempo do operariado alhandrense organizar uma Associação, onde possa tratar a valia dos seus legítimos interesses.—

PORTIMÃO, 10  
Julgamento e absolvição

Foram absolvidos os nossos camaradas João Pedro, Prospero e Domingos Lacerda. O nosso amigo Dr. Sobral de Campos defendeu a causa com verdadeira proficiencia, ficando as Honrabilissimas pessoas do concelho, e a banda, mais que tinham buencia.—

FARO, 14  
Baixa de presos — O commissario de policia e o horário das 8 horas de trabalho

Os honrados comerciantes daqui, diminuindo as suas roubaças e a sua ganancia, tem sido victimas, resolveram baixar um pouco os preços alguns artigos nos seus estabelecimentos, expostos a venda, como o milho; bacalhau que se vende a 200 e 250, o sabão de 1920 para 1920; a massa de 200, o café de 200 e o arroz nacional de 1920 e espanhol de 1920, para 1920 e 1920.

Digam-nos agora os srs. capitalistas e industrialistas se em face deste milagre é ou não a sua redução de preços, e se não como muitos miseraveis já o tem feito, quando é certo que outros artigos aumentaram e que tem insignificante baixa de preços em alguns artigos, como o arroz, o milho, o café, de ha muito vem lutando com innumeras difficuldades e lutas de privações de todas as espécies?

—O melhor que se encarsa bem de frente as precarias circumstancias dos assalariados, remunerando os devidamente com o usufruto do seu trabalho



## Associação Anti-Alcoólica Operária

Na última reunião foi aprovado o seguinte apelo, cuja publicação se solicita em toda a imprensa operária e avançada:

«Persuadidos de que, para realizar o ideal social a que aspira, o proletariado não deve desperdiçar nenhuma das suas forças revolucionárias; Sabendo que o alcoolismo produz nas classes trabalhadoras, um enorme desperdício de energias físicas e morais, e acarreta, pelo enfraquecimento do indivíduo, grande número de baixas no exército do proletariado;

Constatando que o alcoolismo abala os fundamentos da sociedade futura e ameaça a saúde das gerações vindouras; Que provocando o dispêndio da magra fêria dos operários, priva os caixais sindicais e as cooperativas dos necessários recursos e enfraquece todos os órgãos de luta e de emancipação dos proletários;

Notando que, se o alcoolismo, que é um vício sem desculpa nas classes burguesas, se explica (em parte, pelo menos) entre os proletários pelos trabalhos pesados que executam, carência de habitação e de alimentos, insuficiência de salários e outras razões, estas não constituem forte motivo ao adiamento do combate a este flagelo para uma porventura longínqua data em que triunfaria as reivindicações socialistas;

Mas, que, pelo contrário, abandonando para mais tarde a luta contra o alcoolismo, e deixando à burguesia egoísta e ao capitalismo rapace o campo aberto para a sua obra malfética, arriscamos-nos a comprometer o sucesso final da Causa emancipadora em que nos empenhamos;

Os abaixo assinados, membros abstinentes e naturalistas da comissão organizadora da Associação Anti-Alcoólica Operária, desejando veementemente travar contra o alcoolismo uma luta sem tréguas entre as classes trabalhadoras, e tendo como escopo conseguir a filiação nesta agremiação operária de mil camaradas até Junho próximo, apela para a generosidade, espírito progressivo e solidariedade de todos os operários de Portugal no sentido de se inscreverem em massa na Associação Anti-Alcoólica Operária, Calçada do Combro, 38, A, 2.º, como eloquentemente demonstração à burguesia, de que a classe operária se interessa pelos mais elevados problemas de ordem social.

A Comissão.—Luciano Silva, Lion de Castro, João Baptista Bacelar, José Peralta e Martinho Serra.

## Queixas e reclamações

### Tropelias dum polícia

O sr. José Garcia Costa, comerciante, apresentou queixa ao comandante da polícia civil contra os guardas 935, da esquadra de governo civil, e 1120, da esquadra de fêmea.

O 935 é senhorio do prédio que aquele senhor habita, e como no dia 18 de Fevereiro uma sua filha estava colocando um galo numa das janelas, o 935, furioso, começou gritando dum quintal de frente, e pouco depois entrava pela casa agredindo violentamente a referida senhora e a esposa de Costa, a quem causou vários ferimentos, até que os vizinhos acudiram aos gritos de socorro.

Ainda não se sabe com tal proeza, o 935 deu voz de prisão às duas senhoras, enquanto a mulher ia chamar a polícia. Passado tempo, e apressado no local o 1120, que intimou as senhoras a acompanharem-no à esquadra, declarando este, que no caso do 935, a tinha espetado com o sabre E, para camuflar a iniquidade, prendeu ainda o sr. Garcia Costa quando este, prevenido, apareceu em casa.

Decerto, não deixarão de ser louvados...

### Pior que senhorio

Comunicamos Francisco de Almeida, run da Atual, 115, 2.º, que vive ali em dois quartos alugados pelo inquilino Francisco Vitória, pelos quais paga 2400, exigindo-lhe, além disso, como caução, um mês de renda, quando a paga 950 mensais, tendo ainda outro canal do qual recebe 800. Na verdade é uma mina um negócio como este, mas ainda assim não está contente, pretendendo desistir de que inquilino para alugar os quartos para pouca permanência, porque lhe rende muito mais. E para conseguir os seus intentos provoca escândalos no intuito de intervir a autoridade.

Criaturas como estas há muitas, que, a ar dos senhorios gananciosos, fazem chegar as rendas das casas a preços tenebrosos.

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa Económica e Emancipadora.—Relatou no domínio a assembleia geral para discutir o relatório e contas da gerência de 1930, sendo aprovados.

## A Alemanha protesta

Mas os aliados prosseguem na sua obra de paz...

BERLIM, 16.—A nota alemã enviada à Liga das Nações protesta contra as sanções aplicadas pelos aliados, frisando que o tratado de paz não permite ocupar territórios alemães além do Reno, e das testas de ponte.

A Alemanha, tendo assinado a Convenção da Liga das Nações, e sendo obrigada deste organismo manter a paz no mundo, pede-lhe que faça com que sejam imediatamente abolidas as medidas de violência tomadas pelos aliados.

## Para a paz...

Engenhos de morticínio

NEW YORK, 15.—O serviço químico do exército americano descobriu um veneno de fácil fabricação que pode ser utilizado pelos aeroplanos sob a forma de vapor e que mata instantaneamente toda a gente que se encontrar no caminho do avião.—Rádio.

## NA ALEMANHA

S6 as ideias extremistas tem aceitação

BERLIM, 14.—Quando se anuncia nesta cidade qualquer comício em que se vão defender ideias extremistas, a assistência é enorme, mas as demonstrações monárquicas contra a conferência de Londres conseguem, dificilmente, arranjar um diminuto número de auditores.—Rádio.

## Rodrigues, Delgado & Rodrigues Limitada

Por escritura de sete de Março de mil novecentos e vinte e um, a folhas 84 do livro 1190-618 do notário Maia Mendes de Lisboa, foi constituída a seguinte sociedade por cotas:

Primeiro.—O seu objectivo é o comércio de material eléctrico e aparelhagem e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que por unanimidade deliberem explorar, com excepção do bancário.

Segundo.—A sua duração é por tempo indeterminado e a sua existência conta-se de hoje, sendo o ano social o ano civil, com balanço referido a trinta e um de Dezembro de cada ano, que deverá estar concluído, escrito e assinado no livro próprio até vinte e oito de Fevereiro do ano seguinte.

Terceiro.—A sociedade adopta a firma «Rodrigues, Delgado & Rodrigues, Limitada», terá a sua sede em Lisboa, e domicílio na Avenida Fontes Pereira de Melo, número onze.

Quarto.—A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, pelos sócios Ferreira Rodrigues e Delgado, que terão a gerência dos negócios sociais, bastando um deles para a obrigar.

A caixa e escrita ficarão a cargo do sócio Guilherme Rodrigues. Os gerentes terão a retribuição mensal que por acta lhes for fixada.

Quinto.—Qualquer dos sócios poderá fazer uso da firma social mas em caso algum será ela empregada em abonos, fianças, letras de favor ou semelhantes responsabilidades. E se for empregada em negócios estranhos aos da Sociedade só obriga o sócio que fizer uso dela.

Sexto.—O capital social é de CINCO MIL ESCUDOS em três cotas com que os outorgantes subscreveram, pela forma seguinte:

Guilherme Rodrigues, TRES MIL ESCUDOS;

Guilherme de Moraes Ferreira Rodrigues, MIL ESCUDOS;

E, Francisco Quintas Delgado, MIL ESCUDOS;

Todas as cotas são em dinheiro e estão integralmente realizadas.

Sétimo.—Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, porém qualquer dos sócios poderá fazer supramentos à caixa social mediante o juro que se estipular.

O capital poderá ser aumentado quando e como a sociedade o deliberar.

Oitavo.—É livremente permitido a cessão de cotas, no todo ou em parte, a favor de qualquer associado.

A cessão a estranhos só poderá ser feita por um sócio quando os outros dois nisso concordem, ficando-lhes reservado o direito de a adquirir pelo valor que lhe tiver sido atribuído no último balanço geral aprovado (se o balanço especial não for exigido por qualquer dos sócios) acrescido da respectiva parte do fundo de reserva. Se dois sócios pretenderem a cota a ceder, será esta dividida entre eles.

Nono.—Pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a Sociedade não se dissolve; continuando entre os sócios sobreviventes ou habéis, de ambos assim quiserem.

Os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito (nessa qualidade) poderão entrar para a sociedade se isso for de vontade dos outros sócios; no caso negativo serão reembolsados de tudo que se apurar pertencer-lhes, em quatro prestações, no prazo máximo de dois anos, vencendo juro à razão de sete e meio por cento ao ano sobre as quantias a pagar até final liquidação.

Décimo.—Será abonado o juro de sete e meio por cento ao ano a todas as importâncias que aos sócios estejam creditadas.

Décimo primeiro.—Dos lucros líquidos anuais retirar-se-ão cinco por cento para o fundo de reserva legal, sempre que necessário for, e cinco por cento para fundo de desvalorização de armadura, mobiliário, ferramentas e utensílios; e o restante será dividido pelos sócios da forma seguinte:

Para cada um dos sócios Ferreira Rodrigues e Delgado, trinta e um por cento, e para o sócio Guilherme Rodrigues, vinte e oito por cento.

Se houver prejuízos serão estes distribuídos por todos os sócios em parte iguais.

Décimo segundo.—Por conta de seus lucros prováveis poderá o sócio Guilherme Rodrigues retirar da caixa social, quando as condições desta o permitam, setecentos e vinte escudos por ano, e cada gerente, mensalmente, até dez por cento da importância do seu capital, realizado, não excedendo porém, dentro de cada ano social, cinquenta por cento da importância referida.

Décimo terceiro.—As taxas de juro constantes nos artigos décimo e décimo primeiro poderão ser alterados sempre que a sociedade o deliberar por proposta de qualquer dos sócios, mas serão sempre iguais entre si.

Décimo quarto.—As deliberações sociais constarão das actas no livro próprio, ou de documentos avulsos assinados por todos os sócios. As assembleias gerais poderão reunir independentemente de formalidades de convocação, e se algum sócio não puder comparecer à reunião poderá delegar noutro sócio, ou consignar o seu voto, ou deliberar, em simples documento escrito e assinado pelo seu punho.

Décimo quinto.—Em tudo o omissos regulará-se as disposições legais aplicáveis e nomeadamente as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.—O notário—Maia Mendes.

## NENO VASCO

Pela secção de livreria de A Batalha e impresso em papel couché, acaba de ser posto à venda um belo retrato desta nossa falecida camarada.

Preço \$20 centavos

Para a província acresce o porte do correio.

QUIOSQUE

Vende-se: Laurentino Rodrigues, praça da República, 30, Barreiro.

## Banco de Portugal

Concurso para caixeiros ajudantes

Até ao dia 25 do corrente recebem-se na sede do Banco pedidos para admissão a este concurso, de indivíduos habilitados com cursos oficiais do comércio, curso complementar dos liceus, ou com boa prática comercial, que satisficam as condições patentes no Banco.

Lisboa, 12 de Março de 1921.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

a) António José Pereira Júnior,

a) Francisco Maria da Costa.

Sapateiros

Oficiais para salto

forrado, precisando

se. R. S. José, 190, 2.º

Sapateiros

Precisa-se oficiais

formosa pontada, e ajudante. Rua do Bem-

fornoso n.º 100, 4.º Dt.º

Ministério da Agricultura

Direcção Geral do Comércio

Agrícola

Venda de feijão

No Armazem Geral Agrícola de Lisboa

no Terreiro do Trigo, se recebem,

até ao dia 19 do corrente, propostas

em carta fechada para a compra de

aproximadamente 380.000 quilos de

feijão indiano, branco, sendo a base da

oferta \$16 por quilo.

As condições são patentes no dito

armazem, das 8 às 17 horas.

Direcção Geral do Comércio Agrícola, em 21 de Março de 1921.

O Director Geral

(a) Joaquim Gomes de Sousa Belford.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos

e mechas em cores lindíssimas,

formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4-A

2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

VIAGEM A RUSSIA VERMELHA

A República do Trabalho

Album de sessenta fotografuras da Repu-

blica operária e camponesa da Rússia

Com belos retratos de

R. Lefebvre, Lepetit e Vergeat

O preço deste album, editado pela

Bibliothèque du Travail, 144, Rue Pel-

leport, Paris (XX.º), é de 3500. A Secção

de Livreria de A Batalha encarrega-se

de satisfazer todos os pedidos que

sejam acompanhados da respectiva

importância.

PREÇOS MAIS BARATOS

Agilgon (maço com 20 cigarros)... \$5

S. João... \$20

Jerónimos... \$25

Aos amadores e admiradores

de Cinema: Há grande variedade

de fotografias

A. S. Júnior

Louças esmaltadas

Durante o corrente mês se vendem

q 10% de abatimento louças, talhe-

res, lavatórios, bidets, baldes e regado-

res, e muitos outros artigos de mena-

je, e toilette, no grande depósito de

louça esmaltada.

Rua da Palma n.º 284-A

Em frente das Encomendas postal

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478

gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios

Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,

latão, zinco, chumbo e cermas diversos.

Carrias, vagonetas e todos os pertences de material

«Decauville»

22, largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 3-a 7

LISBOA

JOSÉ DA SILVA

Electricista mecânico

Montagem e reparações em elevadores eléctricos e hidráulicos de todos os

sistemas. Iluminação eléctrica e força motriz, instalações de automóveis, repa-

rações em baterias e em todos os sistemas de magnetos.

Rua do Século, 89

TELEPHONE, 374, C.

## Purgações

CURA RÁPIDA E RADICAL COM O GONOCOL

Milhares de curas atestam a sua eficácia

E outras feridas antigas, curam-se rapidamente com os Pós anti-sifilíticos Simões.

Depósito geral

Farmácia Simões, Rua do Infante D. Henrique, 54 (vulgo S. Tomé).

Consultas médicas e tratamentos de doenças sifilíticas, todos os dias

A BATALHA

Diário da manhã

Porta-vozes da organização operária portuguesa

Assinaturas

(Pagamento adiantado)

Em Portugal, colónias portuguesas e Espanha: 3 meses, 4850; 6 meses, 9400; 1 ano, 18400. Em Lisboa: 1 mês, 1650. Território da união postal: 6 meses, 10890; 1 ano, 21480.

Pedidos de assinaturas e de quaisquer obras da secção de livreria de A Batalha e o envio de quaisquer quantias, devem ser feitos à Administração, bem como todas as reclamações.

Publicações

Recebem-se na administração de A Batalha e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências Hinas, Bastos e Gonçalves, Rádio e demais agências de anúncios. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

Correspondência

Relativa à redacção deve ser dirigida a Alexandre Vieira, redactor principal de A Batalha. Não se restituem os autógrafos.

Redacção e Administração

Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

TINTURARIA

Preto fixo e todas as cores, ao na tinturaria Alcantarens, onde se tingue toda a qualidade de vestuário. Rua do Alcantara, 18.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa

A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4-A

2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

VIAGEM A RUSSIA VERMELHA

A República do Trabalho

Album de sessenta fotografuras da República operária e camponesa da Rússia

Com belos retratos de

R. Lefebvre, Lepetit e Vergeat

O preço deste album, editado pela

Bibliothèque du Travail, 144, Rue Pel-

leport, Paris (XX.º), é de 3500. A Secção

de Livreria de A Batalha encarrega-se

de satisfazer todos os pedidos que

sejam acompanhados da respectiva

importância.

PREÇOS MAIS BARATOS

Agilgon (maço com 20 cigarros)... \$5

S. João... \$20

Jerónimos... \$25

Aos amadores e admiradores

de Cinema: Há grande variedade

de fotografias

A. S. Júnior